e25021

v. 2 n. 2 2025

Resenhas

ISSN: 3085-6434
DOI:
https://doi.org/10.71263/q9gahw27

MINHA HISTÓRIA DE RESILIÊNCIA E FÉ

Raíla Suelen Pereira Viana[1]

1. Introdução

> "*A vida é como um rio em constante fluxo; mal avistamos algo e já é levado embora. Cabe a nós aceitarmos essa natureza passageira com sabedoria e serenidade.*"
> (**Marco Aurélio**, *Meditações*, Livro IV, §43 — adaptação)

Há caminhos que nos escolhem, destinos que se entrelaçam com nossos passos antes mesmo que possamos compreendê-los. Desde minha infância em Petrolina,

[1] Mestrando em Filosofia pelo PROF-FILO, Núcleo IFSertãoPE. *E-mail*: raila.eagle2020@gmail.com

Pernambuco, fui moldada por desafios e sonhos, esculpida pelo tempo e pela busca incessante do saber. "A vida é como um rio", disse Marco Aurélio, "ela flui, e cabe a nós navegarmos com sabedoria".

Assim, sigo minha travessia pelas águas do conhecimento, com a firme convicção de que a educação é a bússola que guia minha jornada. Minha trajetória é a de uma mulher sonhadora e resiliente, que jamais se deixou abater pelos desafios impostos pela vida. Entre perdas, dificuldades financeiras e barreiras que pareciam intransponíveis, mantive-me firme, sustentada pela fé em Deus e pela certeza de que o conhecimento é a chave para transformar o mundo. Este memorial descritivo não é apenas um relato de conquistas acadêmicas e profissionais, mas o testemunho de uma caminhada de superação, amor ao ensino e compromisso com a filosofia e a educação. A filosofia é um chamado à reflexão, uma jornada que transforma o pensar e o ser. Meu percurso acadêmico e profissional reflete essa busca incessante pelo conhecimento, pela compreensão do mundo, e minhas motivações para ingressar no mestrado em Filosofia, refletindo sobre os desafios e conquistas que moldaram minha formação.

2. Minha Trajetória acadêmica e Momentos Marcantes

Fui uma criança feliz. Vivia entre sonhos e brincadeiras simples, como quem acredita que o mundo cabe inteiro na palma da mão. Cresci em uma infância singela, onde pequenos gestos tinham grandes significados e os dias corriam serenos

CC BY 4.0

sob o sol.

Nasci em um lar tradicional e de princípios firmes, meu pai católico e minha Mãe evangélica. Desde muito pequena aprendi a caminhar sob o fio delicado dos limites e a dançar, ainda que com passos contidos, a melodia da disciplina. Hoje, já adulta, percebo o valor dessas lições, principalmente quando observo as novas gerações — essas que, tão frequentemente, encontro em minha sala de aula. Vejo o quanto é desafiador para eles, nossos pequenos e adolescentes, cultivar a persistência e encontrar equilíbrio emocional diante dos tropeços naturais da vida, neste mundo que tudo exige para ontem e que tanto agita o coração.

Às vezes, olho para trás e compreendo: a formação rígida que recebi foi, sim, um presente silencioso. Mas como todo presente, veio embrulhado em complexidades. O amor, embora presente, era tímido, escondido atrás de gestos duros e silêncios prolongados. Não era costume abrir espaço para emoções ou carinhos declarados — e assim aprendi, bem cedo, a guardar o que sentia dentro de mim, como quem cultiva um jardim secreto. Para os olhos de fora, parecia distante. Mas por dentro... ah, como eu sentia tudo, profundamente.

Meu pai, sempre prático e cheio de reflexões sobre a vida, parecia carregar dentro de si a alma de um filósofo. Com ele, aprendi a olhar o mundo com olhos atentos e a buscar sabedoria em cada pequena situação. Foi ele quem me ensinou um dos mantras que guardo até hoje como um tesouro: "*O poder está em controlar a mente. Em ter uma mente forte e ter*

CC BY 4.0

muita fé no Senhor."
Essas palavras ecoaram em mim e foram alicerce para meus passos e sonhos.

Minha mãe, por sua vez, era o próprio rigor feito pessoa. Cada conduta, cada gesto, cada organização do cotidiano precisava atender a um padrão quase perfeito. Quando não correspondíamos — especialmente minha irmã e eu — os castigos vinham severos, muitas vezes sem que pudéssemos explicar nosso erro. Isso nos deixava com um sabor amargo de injustiça, uma sensação que o tempo, por vezes, custava a dissolver. Meu pai, pelo menos, nos permitia cada um falar antes de aplicar qualquer punição e justificava dizendo que era para a gente aprender e não repetirmos o erro.

Era um lar de disciplina firme e, sem dúvida, patriarcal — onde os pesos e medidas eram diferentes para meninas e meninos. E carregava dentro de mim uma revolta silenciosa. Não entendia, e doía, perceber que tantas coisas me eram proibidas apenas porque eu era menina, enquanto meus irmãos podiam caminhar mais livres, e eles muitas vezes até eram incentivados.

Surgiam então em mim mil questionamentos: por que eu não podia? Por que o mesmo erro pesava mais sobre mim do que sobre eles? Por que eu não tinha a mesma liberdade? Por que minhas vontades e meus sonhos precisavam caber em molduras tão apertadas? Essas perguntas ecoavam no meu peito, sem muitas respostas, mas com uma força crescente. Mas mesmo dentro dessas muralhas, crescia em mim a menina

CC BY 4.0

sonhadora e cheia de fé, a que sabia encontrar felicidade nas coisas mais simples e que, apesar de tudo, nunca deixou de acreditar na beleza que mora em ser quem se é.

Nascida na cidade de Petrolina, Pernambuco. Minha infância foi marcada por curiosidade e sede de aprender. A escola foi meu primeiro templo de descobertas, o espaço onde percebi que o conhecimento tem o poder de transformar realidades. Como afirmava John Locke, "a mente é como uma folha em branco, e é a experiência que nela escreve". Cada livro, cada professor, cada ensinamento foram traços que começaram a desenhar meu destino. Iniciei meus estudos no ensino fundamental I no Colégio Dom Bosco. No entanto, naquela época, durante o governo do presidente Collor, o país enfrentava uma grave crise econômica. Meu pai foi duramente atingido pelas dificuldades financeiras e, diante das circunstâncias, acabou falindo. Para honrar suas dívidas com o banco, precisou vender alguns bens importantes da família. Com essa mudança em nossa realidade, meus irmãos e eu tivemos que deixar a escola particular onde estudávamos e migrar para a rede pública estadual. Foi então que cursei o 5º e o 6º anos em uma escola pública chamada Escola Estadual, iniciando uma nova etapa da minha trajetória escolar. Posteriormente, concluí o ensino fundamental II e o ensino médio na Escola Estadual Otacílio Nunes de Souza — um lugar que teve enorme importância na minha formação. Foi ali que meus olhos se abriram para um mundo maior, cheio de possibilidades que até então eu desconhecia. A convivência com diferentes realidades e perspectivas ampliou minha mentalidade e plantou em mim sementes de sonhos ainda

CC BY 4.0

maiores.

Foi também nessa escola que tive meu primeiro contato com o Núcleo de Estudos de Línguas (NEL), onde me apaixonei profundamente pela língua inglesa — uma paixão que carrego até hoje. E , na época apenas os alunos com as melhores notas eram selecionados para participar, e essa conquista foi para mim motivo de grande orgulho.

Ainda durante essa fase, enquanto cursava o 1º ano do ensino médio, vivi uma experiência inesquecível: fui escolhida pela minha professora de Ciências para representar o colégio na XI Ciência Jovem, uma importante feira de conhecimentos realizada em Recife.
Fiz parte de um grupo formado por três alunos — e tive a honra de ser a única mulher selecionada, além de ser a única representante do turno da manhã. Esses momentos foram marcos fundamentais na construção da pessoa que sou hoje: determinada, apaixonada pelo saber e sempre em busca de novas conquistas.

Enquanto cursava o 3º ano do ensino médio, enfrentei um novo desafio. Sem condições financeiras para pagar cursinhos de pré-vestibular, encontrava refúgio nos livros, estudando sozinha na biblioteca da escola e na biblioteca municipal.
Foi durante essa fase que uma professora, percebendo minha dedicação, me falou sobre uma seleção gratuita para um curso preparatório chamado PREVUPE.
Agarrei essa oportunidade com todas as minhas forças. Corri atrás da inscrição e, para minha felicidade, conquistei uma das vagas.

CC BY 4.0

As aulas aconteciam nos fins de semana. Minha família, muito simples e passando por dificuldades financeiras, não tinha como me ajudar com transporte ou alimentação. Assim, eu ia e voltava a pé, percorrendo o caminho de casa até o curso. Passava o dia inteiro no local, pois o curso era pela manhã e tarde. Muitas vezes, no intervalo meu almoço era apenas um pão assado, ou algumas bolachas, acompanhadas de café com leite levado numa garrafa simples. Quando podia, comprava uma pipoquinha e bebia água para me manter. Quase não saía da sala nos intervalos, com vergonha de ver meus colegas indo comprar lanches na cantina ou sendo buscados pelos pais para almoçar em casa e retornar depois. Mas nada disso me entristecia, eu sabia o valor da oportunidade que tinha em mãos. Estava feliz e determinada. Sempre orava a Deus pedindo forças, coragem e sabedoria para conquistar meu sonho de passar no vestibular.

Com fé, determinação e muitas noites de estudo silencioso, realizei meu primeiro vestibular e fui aprovada para o curso de **Letras – Inglês e suas Literaturas**, na **Faculdade de Formação de Professores de Petrolina (FFPP)**, da **Universidade de Pernambuco (UPE)**, ingressando em 2005 e concluindo em 2008.

A busca pela educação foi um caminho que sempre me inspirou a crescer. Como disse **Simone de Beauvoir**,(1949) "Não se nasce mulher, torna-se mulher." Esta frase ecoou dentro de mim, pois foi ao longo da minha trajetória que aprendi a me tornar a mulher que sou hoje, alguém com coragem para enfrentar os desafios e buscar seus sonhos com todo o coração. Durante a graduação, mergulhei de cabeça na vida acadêmica:

CC BY 4.0

fui representante de sala, integrei grêmios estudantis e participei de diversas reuniões, sempre lutando pelos direitos dos estudantes e por melhorias na nossa universidade. Participei da comissão de formatura e fui escolhida para ser a oradora pela turma.
Essa trajetória de dedicação e esperança foi esculpida com muito esforço, mas sobretudo com amor pelos sonhos que sempre carreguei no peito.

Foi nessa fase da minha vida que conheci uma pessoa que, à primeira vista, parecia ser tudo o que sempre sonhei. Era alguém que frequentava a igreja, que se dizia cristão, bem-vestido, de postura impecável, vindo de uma boa família, independente e educado como um verdadeiro cavalheiro. Com palavras doces e persuasivas, logo me conquistou. Eu, tão doce, inocente e sonhadora, acreditei ter finalmente encontrado, o meu príncipe encantado.

Com poucos meses de convivência, ele pediu minha mão em namoro. Eu, encantada, aceitei. Ele foi até minha casa, conversou respeitosamente com meus pais e recebeu a aprovação deles. Meu irmão do meio, no entanto, desde o princípio não gostou dele, no primeiro dia que o viu, disse: " Não gostei de você, meu santo não bateu com seu, mas respeito a escolha de minha irmã". Na minha ingenuidade, achei que era apenas ciúmes de irmão.

Mas, com o tempo, o príncipe encantado que abria a porta do carro para eu entrar e puxava a cadeira para eu sentar à mesa começou a revelar quem realmente era. Pouco a pouco, foi se transformando. O cavalheiro deu lugar a alguém ciumento de forma doentia e controlador.

CC BY 4.0

Ele começou a me afastar dos meus amigos, sentia ciúmes até mesmo de olhares e gestos comuns. Dizia que os únicos homens que poderiam estar próximos de mim eram meu pai e meus irmãos.

Minhas liberdades foram sendo arrancadas, uma a uma. Não podia mais sorrir para ninguém, não podia sair sozinha, não podia sequer fazer algo sem sua permissão. Usando doutrinações e interpretações religiosas, controlava até a maneira como eu me vestia — dizia que minhas roupas ou maquiagens eram de uma mulher indecente. Cortar o cabelo? Inadmissível. O lindo é cabelo grande Ir ao médico sozinha? Proibido. Atender ao telefone? Apenas se fosse no viva-voz.

Aos poucos, fui sendo silenciada. Quando tentava reclamar ou questionar, ele respondia com falas manipuladoras, dizendo que era seu dever agir assim, pois já me considerava sua esposa e que "a cabeça da mulher é o homem", citando trechos da Bíblia e exemplos de outras mulheres da igreja para reforçar sua autoridade. Eu, confusa e cheia de dúvidas, sentia vergonha de mim mesma por pensar diferente. Suas palavras persuasivas mexiam com a minha fé, com minha esperança, e me deixavam sem forças.

Mesmo com o peso dessas imposições, sempre ele olhava nos meus olhos e dizia que me amava, que estava apenas cuidando de mim — e assim, no meio desse turbilhão, eu cedia, tentando acreditar que aquele controle excessivo era prova de amor.

Mal sabia eu o que ainda estava por vir. Enquanto tudo

CC BY 4.0

isso acontecia, eu tentava, com todas as minhas forças, conciliar a faculdade, o relacionamento complicado e ainda o meu primeiro emprego como vendedora numa loja de calçados. Mesmo trabalhando e estudando com afinco, ele insistia em me vigiar: passava frequentemente em frente à loja, aparecia de surpresa na livraria onde trabalhei depois, no hospital de ortopedia e até na faculdade. Às vezes, sem aviso, surgia na janela da minha sala de aula, me causando uma sensação constante de vigilância e medo.

A angústia passou a ser minha companheira diária. Desenvolvi arritmia cardíaca e gastrite. Chorava muito, sem saber como lidar com a pressão, sem ter abertura para conversar com ninguém — a vergonha me calava. Aos poucos, fui me fechando ainda mais em meu próprio sofrimento.

No último ano da faculdade, uma luz diferente surgiu. Uma professora chamada **Ludja Costa** (in memoriam), que sempre incentivava os alunos a sonharem mais alto, me convidou, junto a algumas poucas colegas, para participar de um programa de intercâmbio chamado **Culture Au Pair**. Ela, que todos os anos levava estudantes para uma experiência internacional, acendeu novamente em mim a esperança adormecida.

A proposta era estudar e trabalhar como babá em **Toronto, no Canadá**, enquanto aperfeiçoávamos o inglês. Meus olhos brilharam de felicidade. Finalmente, a oportunidade de realizar meu grande sonho parecia estar ao alcance das mãos.

No dia seguinte, a professora enviou e-mails explicando

CC BY 4.0

os passos do processo e mantínhamos contato pelo **Messenger**, o chat mais usado na época.
Com todo entusiasmo, comecei a reunir meus documentos e a preencher o dossiê para o pedido de visto.

Mas o que parecia ser um novo começo rapidamente se transformou num novo pesadelo.

Certo dia, no intervalo da aula, uma colega me chamou, dizendo que a professora queria falar comigo.
Ao encontrá-la, percebi que sua expressão era diferente, grave.
Com cuidado, ela perguntou:

— Raíla, minha filha, você realmente quer ir para o Canadá?

Com toda inocência e entusiasmo, respondi:

— Claro que sim, professora! É meu sonho!

Então, ela respirou fundo e disse:

— Eu vou te ajudar, mas você precisa saber o que está acontecendo.

Ela me contou que, nos últimos dias, alguém tinha começado a falar com ela pelo **Messenger**, fingindo ser eu.
A pessoa dizia absurdos, espalhava mentiras terríveis, atacava a professora com calúnias absurdas, chamando-a de aliciadora de mulheres, de exploradora, e fazendo ameaças.
Desconfiada, a professora confrontou a pessoa, que acabou confessando: não era eu, era **ele**.

Naquele momento, senti o chão sumir sob meus pés.
As lágrimas escorriam enquanto uma nova arritmia me fazia perder o ar.
Eu sentia ânsia de vômito, vergonha, tristeza profunda.
Minhas colegas me acolheram, tentando me confortar, perguntando se meus pais sabiam do tipo de pessoa com quem

CC BY 4.0

eu estava lidando.
Mas eu mal conseguia responder.
A professora, com muita generosidade, ainda me disse:
— Não desista, Raíla. Se é o seu sonho, vá em frente.

Naquele mesmo dia, ele foi me buscar na faculdade. No meio do caminho, parou o carro bruscamente e iniciou uma discussão cheia de palavras cruéis — palavras que eu não merecia ouvir.
Grosseiramente, arrancou minha bolsa das mãos, quebrou meu único cartão de banco e de crédito em pedacinhos, destruiu o chip do meu celular, dizendo que era para "me proteger".

Chorei desesperadamente.
Ele, com a frieza que me assombrava, dizia que fazia tudo por amor. Por causa desse atraso e da destruição dos meus documentos e meios de pagamento, perdi o prazo para enviar os papéis junto com o grupo.
Mais tarde, consegui enviar apenas o meu processo — mas, sozinha, meu visto acabou sendo negado.

Tentei terminar o relacionamento muitas vezes, mas sempre era envolvida por suas súplicas chorosas e suas promessas de mudança.

Quando percebia que eu realmente queria romper, ele se transformava ainda mais: passou a me ameaçar dizendo que divulgaria fotos e vídeos íntimos, que teria gravado sem meu consentimento.

Disse que se eu o deixasse, se mataria — e me mataria também.

Colegas do trabalho, vendo minha angústia e meu medo, me encorajaram a buscar ajuda.

CC BY 4.0

Com muita vergonha, por ter sido criada em uma família tradicional e cristã, relutava em contar para meus pais.

Mas Deus, em sua infinita misericórdia, foi me dando forças.

Uma amiga do trabalho me deu seu celular e insistiu:

— Ligue para os pais dele. Diga o que está acontecendo.

Tremendo de medo, disquei o número da casa dele. Quando o pai dele atendeu, só consegui dizer entre lágrimas:

— Seu filho não aceita o fim do relacionamento e está me perseguindo.

No mesmo dia, tomei coragem e contei, de forma resumida, para meus pais.

Meu pai, furioso, perguntou:

— Você quer que eu fale com ele?

Com medo das ameaças que ele havia feito, especialmente sobre os vídeos, pedi que não, que aguardássemos, pois eu já havia informado a família dele.

Esse foi o início da minha luta mais difícil: me libertar daquele ciclo de medo, dor e vergonha, enquanto tentava, dentro de mim, manter viva a esperança e da fé em dias melhores.

Após aquele momento de revelações, finalmente comecei a encontrar forças para romper com o que me prendia. Ainda com medo, com o coração apertado e a mente confusa, eu sabia que não poderia continuar vivendo sob o controle e as ameaças de alguém que dizia "me proteger", mas que, na realidade, me aprisionava.

Os dias seguintes foram os mais difíceis.

Eu, tão jovem e cheia de sonhos, estava mergulhada em uma

CC BY 4.0

dor silenciosa, mas algo dentro de mim começou a gritar por liberdade, por paz.

Quando a verdade veio à tona e a ajuda de minha família se fez presente, o peso foi um pouco mais leve. Eu sabia que estava amparada, mas ainda tinha que enfrentar as consequências emocionais de uma relação abusiva que me deixou marcas profundas. Com o apoio incondicional dos meus pais, das minhas amigas, e de um ciclo de pessoas que me ajudaram a reerguer, comecei a me reconstruir, um passo de cada vez.

Dei mais valor à minha saúde mental e emocional, e aos poucos fui deixando para trás as amarras que me prendiam. A cada passo, sentia o peso da dor diminuindo, e a sensação de liberdade começava a tomar conta de mim.

O tempo foi passando e, embora as feridas não se curassem de imediato, a vida foi me ensinando a ser mais forte, a confiar em mim mesma e a buscar a felicidade de uma forma genuína, sem medo de ser quem eu sou. Eu me voltei para os meus sonhos, para o que realmente importava: a minha educação, o meu crescimento e a minha liberdade para viver a vida que eu escolhesse.

Foi quando, já livre daquela relação tóxica, que finalmente consegui me reencontrar com meus próprios objetivos.

A busca por um futuro melhor foi renovada em mim, e, com o apoio da minha família e da minha fé, consegui voltar a estudar, a me dedicar ao que realmente me fazia feliz: a minha paixão pela língua inglesa.

O desejo de viajar, de estudar e de conhecer o mundo

CC BY 4.0

que sempre tive, foi renovado com mais intensidade. Percebi que, apesar dos obstáculos, as oportunidades ainda estavam à minha frente.
E foi assim que, com muito esforço, consegui finalmente ingressar em programas de intercâmbio e de aperfeiçoamento da língua inglesa, encontrando um caminho para a realização dos meus sonhos que, até então, pareciam distantes demais.

Após esse período desafiador, com muito esforço, acabei obtendo uma oportunidade de intercâmbio na **Suécia**, onde estudei inglês na **Internationella Föreningen for Invandrakvinnor**, cursando os níveis intermediário e avançado e trabalha de babá de duas crianças uma menina de 8 anos e um menino de 6 anos, entre 02/2010 e 12/2010. Essa experiência internacional ampliou meus horizontes e consolidou minha paixão pela educação e pelo pensamento crítico. Durante esse ano, tive a oportunidade de visitar outros países como **Finlândia**, **Noruega** e **Turquia**, o que me permitiu conhecer novas culturas e expandir ainda mais minha visão de mundo.

Quando retornei ao Brasil, fui recebida por diversas propostas de emprego, e logo comecei a lecionar inglês no programa **Inglês Sem Fronteiras** da UNIVASF para alunos universitários, além de trabalhar no curso de inglês **Youth English Students - YES** e como assistente administrativo. Essas novas oportunidades de trabalho me permitiram colocar em prática tudo o que aprendi ao longo dos anos e ajudar outros a se desenvolverem, assim como fui ajudada.

Viktor Frankl (2001, p.150) disse: **"Quando não somos mais capazes de mudar uma situação, somos desafiados a mudar a nós mesmos."** Essas palavras têm um significado

CC BY 4.0

profundo para mim. Em todos os momentos difíceis que enfrentei, eu sabia que a única coisa que poderia mudar era a forma como eu lidava com a situação. Ao longo dos anos, fui me reconstruindo, mudando minha maneira de pensar e, acima de tudo, me libertando das amarras que tentavam me prender. Hoje, posso olhar para trás com a sensação de que, apesar de tudo o que passei, a pessoa que me tornei é mais forte, mais capaz e mais consciente do poder que tenho sobre minha própria vida.

A dor que vivi me transformou em uma mulher mais sábia, mais consciente de minhas escolhas e do poder que tenho sobre minha própria vida. Com o tempo, aprendi a lidar com os medos, com as inseguranças, e a me fortalecer em minha identidade e tinha sede de conhecer mais e ter novos desafios.

Foi no intervalo breve de uma rotina extenuante que vi o anúncio do curso novo de licenciatura de Filosofia. Jean-Paul Sartre, em seu manifesto sobre o existencialismo, escreveu: "*O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo.*" Um chamado silencioso acendeu em mim antigos questionamentos sobre a existência e o funcionamento da mente humana — inquietações que até então adormeciam sob o peso das responsabilidades diárias. Eu queria fazer mais, e resolvi tentar, fiz a inscrição para o vestibular. Consegui ingressar na licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), onde fui aprovada em primeiro lugar no vestibular do polo UAB, nas cotas destinadas a alunos de escola pública — um feito que encheu meu coração de orgulho e esperança. Na

CC BY 4.0

época, enfrentava uma dura jornada alternada, dividida entre três empregos, em dias que começavam antes do sol nascer e terminavam muitas vezes sob a luz cansada da madrugada.

John Locke, que dizia: "*A mente é como uma folha em branco, na qual a experiência escreve*". Eu queria experimentar, aprender, escrever na minha própria tábula rasa.

As aulas, em formato semipresencial, foram amor à primeira vista. Contudo, a jornada árdua dificultava minha permanência: muitas vezes, chegava exausta, lutando contra o sono e o desânimo, receosa de não dar conta das leituras, prazos e atividades. Houve momentos em que a ideia de desistir me rondou com força.

Foi então que encontrei apoio em uma figura singular: o professor-tutor Gabriel Kafure. Dono de uma presença humana e acolhedora, Gabriel era aquele que, mesmo diante dos desafios, mantinha acesa a chama da perseverança em cada aluno. Sua postura — firme, mas jamais autoritária; sábia, mas jamais arrogante — fazia dele mais que um professor: era um verdadeiro amigo da turma. Entre orientações e conversas informais nos intervalos, sempre permeadas de bom humor, ele nos ajudava a encontrar sentido em nossos esforços.

Sob sua orientação, tive a felicidade de publicar meus dois primeiros artigos acadêmicos: "*Abrangências do Conhecimento através da Mente Humana*", publicado em abril de 2017 nos Cadernos Cajuína, e "*A Filosofia Feminista de Luce Irigaray*", Filografias: Da semente ao mundo, em 2018. Esses momentos marcaram não apenas minha trajetória acadêmica, mas também o florescimento de uma paixão: a Filosofia como forma de vida, reflexão e transformação.

CC BY 4.0

Após a conclusão da graduação, decidi enfim abraçar a educação como meu caminho de vida. Deixei meu emprego na área administrativa, onde atuava como assistente, e fiquei só lecionando, então mergulhei com entusiasmo no mundo do ensino e da aprendizagem. Movida por uma sede constante de conhecimento, iniciei novos estudos em cursos de pós-graduação, todos na modalidade online, conciliando-os com as novas experiências profissionais.

Assim, iniciei especializações em Ensino de Língua Inglesa, Ensino de Filosofia e Educação de Jovens e Adultos (EJA), buscando aprofundar minha prática e minha compreensão dos diversos modos de ensinar e aprender

Inspirava-me em pensamentos como o de Paulo Freire (1996, p. 44), para quem "*educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante*". Na educação, encontrei não apenas uma profissão, mas uma forma de existir que dava sentido à minha trajetória, aos meus sonhos e ao meu esforço diário. Motivada por esse desejo contínuo de crescimento, participei de um processo seletivo em um renomado colégio da rede privada, onde atualmente exerço minha prática docente. A instituição valoriza e incentiva a constante formação de seus professores, reconhecendo que a excelência na educação nasce da dedicação ao aprimoramento contínuo.

Com apenas um ano de atuação, fui agraciada com uma bolsa integral para a realização de um curso de pós-graduação em Gestão e Estratégia Educacional, ofertado pela UNINASSAU, que concluí com sucesso, fortalecendo minha visão administrativa e pedagógica sobre a organização escolar.

Além disso, participei do curso *English for All*, fruto de

CC BY 4.0

uma parceria entre o SESI e o Consulado Americano, voltado para o aperfeiçoamento da língua inglesa para professores. Como parte desse programa, tive a oportunidade de realizar gratuitamente a prova de proficiência TOEIC (*Test of English for International Communication*), na qual fui certificada oficialmente, somando mais um importante marco à minha formação.

Em reconhecimento ao meu comprometimento e à dedicação demonstrada, recebi um convite especial da gestão e da supervisão pedagógica da escola para integrar, como a primeira técnica mulher, a equipe de robótica *Cyber.Lego*, do programa internacional FLL (First Lego League). Neste projeto, pude mergulhar ainda mais nas práticas com projetos de inovação, tecnologia e nos *core values*, que ensinam crianças e adolescentes não apenas habilidades técnicas, mas também valores humanos fundamentais, como o respeito, a cooperação e a empatia.

Contudo, em meio a tantas conquistas, a vida, imprevisível como é, surpreendeu-me de forma dolorosa. No ano passado, durante um exame de rotina, minha mãe foi diagnosticada com um tumor no intestino grosso. Submeteu-se, com urgência, a três cirurgias quase que consecutivas, enfrentando dias difíceis na UTI. Houve momentos em que a esperança parecia se apagar, mas a fé e as orações incessantes trouxeram o milagre da sua sobrevivência.

Desde então, a luta continuou: minha mãe ainda hoje está em tratamento, bastante debilitada, e enfrentando um quadro de depressão. Entre hospitais e tarefas domésticas, dividia com minha irmã, ela passava o dia e eu todas as noites —

CC BY 4.0

ora numa cadeira de hospital, ora num sofá de sala — e, muitas vezes, seguia direto para o colégio para cumprir minha jornada de trabalho. Cuidando dos meus pais idosos, enfrentei um dos períodos mais desafiadores da minha vida, onde a fé e a resiliência foram minhas grandes companheiras.

Foi nesse contexto de cansaço e esperança que, no meio do ano, vi uma mensagem nas redes sociais e nos grupos de WhatsApp: estavam abertas as inscrições para o processo seletivo do Mestrado Profissional em Filosofia, oferecido pelo IF Sertão Pernambucano. Imediatamente, lembrei da lista de sonhos que havia escrito ainda na adolescência — e entre eles, brilhava a meta de um dia cursar o mestrado. E mesmo se eu tiver apenas 1% de chances, como costumo dizer, decidi acreditar. Com fé em Deus e movida pelo desejo de continuar crescendo, inscrevi-me no processo seletivo. Mesmo entre madrugadas no hospital, noites refazendo projetos e com pouco tempo para me preparar, entreguei o que tinha de melhor. Confiei que, se fosse da vontade divina, o sonho se realizaria.

E assim foi. Hoje sou mestranda em Filosofia. Ao ver o resultado da aprovação, chorei. Não apenas pela conquista acadêmica, mas pela certeza de que, mesmo nas maiores tempestades, Deus cuidava de cada detalhe da minha vida. Sinto-me abençoada e profundamente grata por cada etapa dessa jornada — onde o estudo, a fé e o amor se entrelaçam, dando sentido à minha história e renovando em mim a esperança de que todo esforço vale a pena.

Minha trajetória acadêmica e existencial foi profundamente marcada pela influência de grandes filósofos, cujas ideias moldaram minha forma de ver o mundo e a

CC BY 4.0

educação.

O existencialismo de Jean-Paul Sartre ensinou-me que *"o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo"* (Sartre, 1946), levando-me a assumir com coragem a responsabilidade por minhas escolhas e a construir meu próprio caminho, mesmo diante das adversidades.

A dialética de Hegel expandiu minha compreensão sobre o desenvolvimento do pensamento humano e a necessidade constante de superação das contradições na história e na vida. A crítica de Nietzsche à moral tradicional provocou em mim o desejo de questionar paradigmas impostos e buscar novas perspectivas para pensar a educação e a formação de sujeitos livres e autênticos.

Impressionou-me também a ética deontológica de Kant, ao afirmar que *"age apenas segundo aquela máxima pela qual possas ao mesmo tempo querer que ela se torne uma lei universal"* (Kant, 1785, p. 56), o que consolidou em minha prática educativa a ideia de responsabilidade moral e respeito incondicional ao outro.

Foi, contudo, na voz insurgente de Paulo Freire que encontrei meu maior alicerce pedagógico. Sua pedagogia libertadora, pautada na crença de que *"educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante"* (FREIRE, 1996, p. 44), reafirmou meu compromisso ético e político com uma educação crítica, dialógica e transformadora.

Outros pensadores também ecoam em minha trajetória. Rousseau, em sua obra *Emílio*, ensinou-me que *"o homem é naturalmente bom; é a sociedade que o corrompe"* (Rousseau, 1762), lembrando-me da importância de respeitar os

CC BY 4.0

ritmos e as singularidades de cada educando. Já Sócrates, com sua maiêutica, instigou-me a compreender que o conhecimento verdadeiro nasce do diálogo e do questionamento: "*só sei que nada sei*", dizia ele, ensinando a humildade intelectual e a abertura para o novo.

John Dewey, por sua vez, ao afirmar que *"a educação não é preparação para a vida; a educação é a própria vida"* (Dewey, 1916), inspirou-me a perceber o aprendizado como um processo contínuo, dinâmico e profundamente ligado às experiências cotidianas.

Em cada aula, em cada nova etapa dos meus estudos, carrego comigo o legado desses mestres do pensamento, cuja sabedoria guia meus passos no presente e ilumina minhas buscas para o futuro. Ao refletir sobre o tema do meu projeto de mestrado, escolhi a linha de pesquisa voltada ao ensino de Filosofia e à representação feminina nas organizações escolares porque essa discussão atravessa profundamente a minha própria história de vida.

Desde a infância, cresci em um ambiente familiar tradicional e patriarcal, onde os papéis de gênero eram rigidamente delimitados. Muitas vezes, vi-me privada de fazer aquilo que meu coração desejava — fosse praticar artes marciais, dançar ou sonhar em viajar sozinha — simplesmente por ser mulher. Vivia, como aponta Beauvoir (1949), a experiência de ser construída como "o outro", a quem se atribui um lugar secundário e limitado no mundo.

No entanto, ao conquistar minha independência financeira e emocional, renasci para a liberdade. Reescrevi minha história realizando sonhos que antes me eram negados:

CC BY 4.0

pratiquei artes marciais jiu- jitsu e muay-thai, dancei sem receios, tirei a licença de dirgir e viajei sozinha por diversas partes do Brasil e do mundo, descobrindo novos espaços e novas versões de mim mesma.

Foi nesse processo de reconstrução da própria existência que compreendi, na prática, o sentido da "diferença sexual" trabalhado por Luce Irigaray (1992), para quem a libertação da mulher passa pela afirmação de sua identidade própria, não subordinada nem refletida no olhar masculino.

Assim, meu projeto de pesquisa, *O Ensino de Filosofia e a Representação Feminina nas Organizações Didáticas da Escola*, nasce não apenas de uma inquietação acadêmica, mas também de uma vivência íntima e visceral. Busco, através desta investigação, não apenas compreender como a filosofia pode desconstruir as desigualdades de gênero, mas também propor práticas pedagógicas que celebrem a diferença e promovam a equidade nos espaços educacionais, como afirmam Irigaray (1992, 1997), Butler (1990) e Freire (1996).

3. Perspectivas Futuras

A filosofia, para mim, não é apenas um campo de estudo, mas um modo de vida. Pretendo continuar minha pesquisa no mestrado, aprofundando-me em temas como ética, epistemologia e filosofia da educação. Minha experiência acadêmica e profissional me prepara para contribuir significativamente para o ensino filosófico e para a formação crítica dos estudantes.

Almejo atuar no ensino superior, promovendo uma

CC BY 4.0

abordagem filosófica que instigue a reflexão, a autonomia intelectual e o pensamento crítico.

Além disso, desejo publicar artigos e pesquisas que contribuam para o avanço do debate filosófico e educacional no Brasil, com especial ênfase nas temáticas de gênero, ética e inclusão social.

Meu objetivo é ser, no ambiente acadêmico, uma voz que incentive a transformação e a construção de novas possibilidades para a educação e para a sociedade.

4. Considerações Finais

Ao longo de minha trajetória, aprendi que o conhecimento não é um fim em si mesmo, mas um meio poderoso para compreender e transformar a realidade.

Como afirmou Sócrates, "*só sei que nada sei*", e é essa humildade epistemológica que guia minha caminhada na filosofia e na educação.

Cada etapa vencida, cada obstáculo superado e cada conquista celebrada são frutos de uma crença profunda: a de que, apesar das dificuldades e das dores que a vida impõe, a busca pelo conhecimento e a fé em Deus são forças capazes de mover montanhas e de fazer florescer sonhos antigos.

Carrego comigo a certeza de que a filosofia e a educação não apenas nos formam intelectualmente, mas nos humanizam, nos desafiam e nos libertam. E é com esse espírito que sigo, convicta de que ensinar e aprender são, acima de tudo, atos de amor e de esperança.

Hoje, ao olhar para trás, vejo uma mulher que passou por

CC BY 4.0

tantas dificuldades, mas que nunca deixou de lutar pela sua felicidade, pela sua liberdade e pelos seus sonhos. E, acima de tudo, vejo uma mulher que conseguiu se reinventar, se levantar e seguir em frente, sempre com coragem e determinação.

Minha formação acadêmica e profissional reflete um compromisso contínuo com o aprendizado e com a construção de um mundo mais crítico e reflexivo. O mestrado em Filosofia representa, para mim, mais um passo nessa jornada de questionamentos e descobertas. Assim, sigo minha trajetória inspirada pelos grandes pensadores, ciente de que cada novo aprendizado é um convite a repensar o mundo e a mim mesma.

5. Referências Bibliográficas

- DEWEY, John. *Democracy and Education*. 1916.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HEGEL, G. W. F. (1992). Fenomenologia do Espírito (Tradução de Paulo Meneses). Petrópolis: Vozes.
- KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. 1785.
- KANT, I. (2003). *Crítica da Razão Prática* (Tradução de Valério Rohden e Antônio Marques). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- FREIRE, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

CC BY 4.0

- NIETZSCHE, F. (1992). *Além do Bem e do Mal* (Tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras.
- ROCHA, Gabriel Kafure. UMA TOPO-ONTOLOGIA DE HEIDEGGER E BACHELARD. *Ideas y Valores*, Bogotá , v. 69, n. 172, p. 33-56, Apr. 2020 . Available from <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-00622020000100033&lng=en&nrm=iso>. access on 01 May 2025. Epub Mar 20, 2020. https://doi.org/10.15446/ideasyvalores.v69n172.55867.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio, ou Da Educação*. 1762.
- SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. 1946.
- SARTRE, J.-P. (1973). *O Existencialismo é um Humanismo* (Tradução de Vergílio Ferreira). São Paulo: Abril Cultural.

Submetido em Abril de 2025

Aprovado em Maio de 2025

CC BY 4.0